

## CANTADORES DAS VIAGENS. A LITERATURA DE CORDEL E A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO NORDESTINA PARA A AMAZÔNIA

*Isabel Cristina Martins Guillen\**

Resumo: O presente artigo objetiva analisar as representações produzidas pela literatura de cordel em torno da experiência dos migrantes nordestinos que se dirigiram para a Amazônia no início do século para se ocuparem da coleta da borracha. Ao mesmo tempo em que a literatura de cordel registra a experiência desses sujeitos, só o faz confrontando uma certa imagem do Nordeste, idealizado dessa forma diante das experiências de vida adversas que tinham que enfrentar nos seringais Amazônicos.

Palavras-chave: Literatura de cordel, Migração no Brasil.

### INTRODUÇÃO

Viagem, metáfora central do modo de estar no mundo moderno. De um lado, símbolo de progresso, de enriquecimento material e cultural; de outro, símbolo de insegurança, perigo e perda. A viagem tanto pode ser em busca do aprofundamento das raízes culturais, como a moda das viagens à Itália, berço da cultura européia, quanto uma viagem que visa à destruição da identidade, no caso do tráfico de escravos. (Santos, 1997) O viajante é aquele que se posta de frente para o futuro, onde brilha a centelha de esperança, campo aberto de possibilidades e indeterminações, mas também como o tempo de onde pode surgir a redenção.

Migrar, viagem que introduz o descompasso no movimento de sedentarização dominante nas relações sociais, e não pode ser apreendida apenas como uma resistência que a ela se opõe, sob pena de não conseguirmos apreender o que é posto como desejo e como criatividade. Migrar, colocar-se em viagem, no descompasso das pulsações desejanças da indeterminação, teimosamente bordejando através de nossos condicionamentos.

Ninguém melhor estabeleceu as relações entre o viajante e o narrador do que Walter Benjamin. Narrar e ouvir histórias são processos que tratam da troca de experiências, "fonte de onde beberam todos os narradores." E os grandes mestres da narração são precisamente o viajante, especialmente o marinheiro mercante, que traz o conhecimento de lugares distantes, e o lavrador sedentário, que "conhece as histórias e tradições de sua terra." A própria narrativa é tida como uma forma artesanal de comunicação, "que não pretende transmitir o puro em si da coisa, como uma informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela." (Benjamin, 1980, p. 57-58, 63)

O Nordeste do Brasil é considerado um local privilegiado em se tratando de narradores: cantadores, poetas de cordel, contadores de história, são todos considerados grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, constituindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias da vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho.

A gente era agricultor e juntava o feijão, o milho, para a noite debulhar. Era uma maneira pra reunir muitas pessoas, pra realizar aquele trabalho. Colocava o feijão em um lençol, um lençol grande ou vários lençóis, e ficava aquela roda de pessoas, moças, rapazes, mesmo velhos, crianças, debulhando feijão e contando história. Cada um contava uma história, e com aquilo a gente ganhava tempo e realizava aquele trabalho. (Lima, 1985, p.73)

Para os narradores acima descritos cabem as observações de Benjamin, de que aquele ainda é um "tempo em que o tempo não vem ao caso", pois esses homens não estavam preocupados em abreviar o tempo do

---

\* Fundação Joaquim Nabuco - Recife.

trabalho. Ao contrário, o tempo do trabalho era também o tempo de narrar, de perpetuar tradições ou reafirmar a memória coletiva. (Benjamin, 1980, p. 63)

Narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas. Perde-se porque já não se tece e fia enquanto elas são escutadas. Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada. No momento em que o ritmo do trabalho o capturou, ele escuta as histórias de tal maneira que o dom de narrá-las lhe advém espontaneamente. Assim, portanto, está construída a rede em que se assenta o dom de narrar. (Benjamin, 1980, p. 62)

Essa rede em que se assenta o dom de narrar, como vimos no exemplo acima, estava plenamente constituída, e circulando no sertão Nordestino, desde meados do século XIX, na forma do folheto de cordel. Esses mesmos narradores são também grandes viajantes, já que não se dissocia do "homem nordestino" a perspectiva da migração. Mesmo que o poeta seja daqueles sedentários, que não perambula pelas feiras do sertão vendendo sua poesia, a viagem está presente no encadeamento das palavras que conduzem suas histórias a outros reinos, como o de Carlos Magno e os doze pares de França.

No entanto, o poeta de cordel era, no início do século, um ambulante, percorrendo todo o sertão vendendo seus folhetos. Leandro Gomes de Barros costumava vender seus folhetos em vários botequins no largo das Cinco Pontas em Recife, próximo da estação ferroviária de onde partiam os trens da Great Western, ou mesmo durante o percurso dos trens da linha-sul de Pernambuco, conforme nos relata Graciliano Ramos em *Viventes das Alagoas*. João Melchias também viajava peio sertão, a cavalo, em época de safra, para vender, além dos folhetos, terços, livros de missa e "romances de prateleira". Do mesmo modo, Francisco das Chagas Batista percorria o sertão no lombo de um burro, vendendo folhetos e outras miudezas. (Terra, 1983)

É o poeta de cordel, por excelência, o grande narrador da vida local nordestina. Ou melhor, de um modo determinado de se postar diante da vida, traduzindo uma história nos modos de ser *identitário* do nordestino. E tem para nós a vantagem de que essa narrativa aparece impressa.

A poesia popular nordestina, ou simplesmente literatura de cordel, associa-se hoje com a poesia popular brasileira. A despeito da produção oral de poesia em outras regiões do país, a associação da produção nordestina com o nacional deve-se, em parte, ao fato de que em outras regiões ela não foi impressa. Naturalmente, a poesia popular nordestina impressa corresponde a uma ínfima parcela da produção poética oral, cantada por violeiros e cantadores.

Considere-se também a grande massa migratória de nordestinos que ocupou todo o país, disseminando a sua cultura por todos os recantos. Se pensarmos na Amazônia, principalmente durante o *boom* da borracha, não há um rio que deságüe no Amazonas que não tenha sido habitado por nordestinos e seus descendentes, e que não traga consigo um pouco de poesia popular nordestina. Esse movimento de migração e difusão cultural fez com que se associasse simbolicamente a literatura de cordel tipicamente nordestina, com cultura popular do povo brasileiro. "A sextilha nordestina (estrofe de seis versos de sete sílabas) tornou-se a maior expressão de toda a nossa história." (Luyten, 1983, p. 13)

Já no início do século a literatura de cordel estava bastante disseminada pelo Nordeste e pela Amazônia. Os poetas e editores tinham agentes que vendiam seus folhetos por toda a região: folhetos de Athayde, Leandro, e outros poetas podiam ser adquiridos, além das grandes cidades nordestinas, como Recife, João Pessoa, Fortaleza, Campina Grande, também em Belém, Manaus e Rio Branco. (Terra, 1983)

A literatura de cordel está arraigada na experiência popular. (Slater, 1984; Curran, 1973) Num momento em que as condições de vida no Nordeste passavam por profundas transformações, advindas da introdução do trabalho assalariado, que repercutia na quebra de costumes e valores, a literatura de cordel vinha traduzir em poesia essa experiência. Nosso interesse aqui está em como esses autores representaram temas específicos, quais sejam, a migração, o Nordeste e a Amazônia.

## O NORDESTE: TERRA MÃE E MADRASTA

"De onde vem essa confiança, de que se pode inferir, a partir do livro, o perfil de seu leitor?" Pergunta feita por Natalie Davis a respeito da *Bibliothèque bleue*, para lembrar que as pessoas não necessariamente concordam com os valores e idéias dos livros que lêem. Se nosso objetivo é entender, através do cordel, a cultura popular, é necessário ter em mente que um livro não é apenas uma fonte de idéias e imagens, mas "um mensageiro de relações." (Davis, 1990, p. 159)

A literatura de cordel nos permite discutir, portanto, como os próprios migrantes representaram sua condição, bem como os locais de onde partiram e onde pretendiam chegar. Desse modo, podemos confrontar como o Nordeste foi representado, em suas ambigüidades, ora como uma terra má, sob o domínio da seca e da fome, ora como uma terra dadivosa, quando o inverno é generoso e há chuva para sustentar a agricultura, como podemos observar no folheto de Antônio Batista Guedes, *A vida sertaneja*, transcrito por Câmara Cascudo (1968, p. 253-254).

Quando o inverno é constante  
o sertão é terra santa;  
quem vive da agricultura  
tem muito tudo que planta.  
Há fartura e boa safra,  
todo pobre pinta a manta ...

Dá milho, feijão,  
tem fruta, tem cana,  
melão e banana,  
arroz, algodão,  
as melancias dão  
tantas como areia,  
o gerimum campeia,  
nas roças faz lódo...  
Vive o povo todo  
de barriga cheia!  
(...)

Com o inverno se alegre  
na mata o bravo veado;  
nas locas o caitetú  
fica todo arrepiado;  
salta o mocó no serrote  
quando vê o chão molhado...

E então no mês de julho  
O sol já fica mais quente,  
Caem as folhas dos paus,  
Seca o verde de repente,  
É mes de pouco trabalho:  
Folga quase toda gente...

A rapaziada,  
quase todo dia,  
usa pescaria,  
e muita caçada;  
Vida bem folgada  
Todo mundo passa,  
de mel e de caça  
Fazem seu vintém,  
Trajam, passam bem,

Com vinte dias de chuva,  
logo após a Vaqueijada,  
chega a fartura do leite,  
manteiga, queijo, coalhada!  
No tempo da Apartação  
isto é que é festa falada!...

(...)  
Se pega a chuva em janeiro,  
Faz o povo a plantação;  
Em fevereiro e em março  
Quatro ou cinco limpas dão;  
De vinte de abril em diante  
Já comem milho e feijão...

Chega a abundância.  
Reina a alegria,  
Passa a carestia,  
Passa a circunstância,  
Com exuberância  
A lavoura duplica  
E uma vida rica  
Passa o sertanejo;  
Carne gorda e queijo  
Pamonha e cangica...

Não choram desgraça...

Nisso, entra o mês de agosto  
E aí começa o verão:  
Entra-se em quebra de milho,  
Bate-se e guarda o feijão,  
Desmancha-se, então, a cana,  
Descaroça-se o algodão.

Quando a safra é boa  
e o cobre se pega,  
ninguém mais sossega  
no sertão inteiro,  
samba é balseiro,  
bebedeira e jôgo,  
por causa do fogo  
que dá o dinheiro!...

Neste folheto temos uma representação do sertão nordestino, como modelo ideal para o camponês, terra de fartura que corresponde ao trabalho empenhado em cada produção sazonal. Junto com a fartura, há a festa e o auxílio que fazem a rede de solidariedade na qual se insere o camponês. Para este poeta, o trabalho agrícola é compensador, quando há inverno, e a vida sertaneja pode transcorrer na tranquilidade e fartura, resultados do trabalho bem realizado.

Sobressai nesta descrição do sertão nordestino uma constante menção à comida, carnes gordas, leite e queijos, pamonhas, como numa sublimação da fome, marcando a contrapelo a carência alimentar que sofre o sertanejo, de tal modo a inserção do sertão no mercado capitalista tornou a fome endêmica.

Este Nordeste mitificado, recorrentemente representado em folhetos que tem como tema a migração, se desfaz com a seca. Seleccionamos para exemplificar um importante folheto de autoria de Leandro Gomes de Barros *A secca do Ceará*:

Sécca a terra, as folhas caem,  
Morre o gado sai o povo,  
vento varre a campina,  
Rebenta a secca de novo;  
Cinco, seis mil emigrantes  
Flagellados retirantes  
Vagam mendigando o pão,  
Acabam-se os animaes  
Ficando limpo os curraes  
Onde houve a criação.  
Não se vê uma folha verde  
Como a nauta em mar estranho  
Sem direção e sem Norte  
Procura a vida e não vê,  
Apenas ouve gemer  
O filho ultimando a vida  
Vai com seu pranto o banhar  
Vendo esposa soluçar  
Um adeus por despedida  
Foi a fome negra e crua

Em todo aquele sertão  
Não ha um ente d'aqueles  
Que mostre satisfação  
Os touros que nas fazendas  
Entravam em luctas tremendas,  
Hoje nem vão mais o campo  
É um sítio de amarguras  
Nem mais nas noites escuras  
Lampeja um só pirilampo.(...)  
Tudo alli surdo aos gemidos  
Visa o aspecto da morte  
Nodoa preta da historia  
Que trouxe-lhe o ultimatum  
De uma vida provisoria  
Foi o decreto terrivel  
Que a grande penna invizivel  
Com energia e sciencia  
Autorizou que a fome  
Mandasse riscar meu nome  
Do livro da existencia.

Junto com a seca, vieram a fome e a morte, e entre uma e outra, a retirada. Nada resta daquela vida sertaneja, nem a alegria, nem sequer vida. Inúmeros cordéis trataram da migração, entendida no mais das vezes como um imposição natural da terra, sem se discutir as relações sociais que se desfazem com a seca, e através dela se perpetuam. A seca, e a conseqüente migração, são entendidas como um fatalismo que acomete o sertão periodicamente. No entanto, está presente naqueles versos muito mais do que denúncia social, ou análise sóciopolítica, já que afloram sentimentos de dor, de desesperança pelo desenraizamento imposto circunstancialmente para aqueles que querem no mundo agrícola se sedentarizar. Não é demais reafirmar, como disse Leandro, que se trata de uma "vida provisória." Mas Leandro termina seu folheto com um dado inteiramente social, desnaturalizando migração e seca.

O governo federal  
Querendo remia o Norte  
Porem cresceu o imposto  
Foi mesmo que dar-lhe a morte  
Um mete o facão e roda-o

O Estado aqui esfola-o  
Vai tudo dessa maneira  
O município acha os troços  
Ajunta o resto dos ossos  
Manda vendel-os na feira.

Lembramos que a solidariedade entre os migrantes emerge em relação à adversidade que enfrentam longe da terra natal, e é o dado cultural que os une. Podemos, dessa forma, falar do cordel como uma memória sócio-cultural não só da migração, mas também dos feitos múltiplos para se manter a vida. Em síntese, na literatura

de cordel, é o sertão nordestino representado como uma terra boa para a vida camponesa, uma terra de fartura, mas com freqüência acometida por fatalismos climáticos que destroem as plantações, matam o gado, secam as aguadas e expulsam os homens. De certo modo, o poeta não se deixa capturar completamente por uma representação uniforme de Nordeste, mostrando que são múltiplos esses Nordestes que ele percorre. No entanto, é como se o homem nordestino não tivesse como escapar de seu destino adverso de eterno migrante, conforme podemos observar no folheto de José Bernardo da Silva, *Os horrores do Nordeste*:

Só Deus mesmo nos acode  
pois o Nordeste não pode  
salvar o seu pessoal.

Este mesmo poeta, que nos conta sobre a seca de 1942, desvenda os mecanismos de como a ajuda governamental se processa nessas ocasiões. A seca é descrita como um processo sazonal, apreendida a partir do calendário agrícola. Desde dezembro ela assola, e o que se plantou não "vingou", morreu. Janeiro, fevereiro, março... em abril brotam os saques dos flagelados em Curema, Patos, Cajazeiras... Só então o governo toma providências, abrindo as frentes de trabalho, que naquele ano foram constituídas principalmente de construção de estradas de rodagem. Essa ajuda, no entanto, não é suficiente, pois pelo Nordeste a paisagem é uma só:

Aqui mesmo tem passado  
Uma grande multidão  
Uns buscando os trabalhos  
E outros o Maranhão  
Tanto que nesse trajeto  
Vão deixando por completo  
O ressequido sertão.

Ressalta neste folheto o aspecto *trabalho*. Para o poeta, no Nordeste, em tempos de seca, não há trabalho, apesar das frentes e da ajuda governamental, não encontrando o homem alternativa para sobreviver à tragédia climática, a não ser a migração.

Certo que os nordestinos  
São homens trabalhadores  
Quando há um bom inverno  
O sertão é de mil flores  
Mas há 3 anos que cria  
Seca, fome, epidimía,  
Carestia e dissabores.  
Faltou o pão para todos  
E o pasto para o gado  
A água pra todo mundo  
Vive o povo aperrado  
Quem vai para o Maranhão  
Chega lá bate sezão  
Finda morrendo coitado.

A migração para o Maranhão, porta de entrada da Amazônia, também não aparece aqui como uma solução viável para os dramas nordestinos, pois para o poeta, se não se morre de fome no Nordeste, morre-se na Amazônia de malária.

---

<sup>1</sup> Esta é uma observação válida inclusive para períodos mais recentes, quando a migração para a região sul torna-se predominante. Ver LUYTEN, 1990.

Migrar, também no cordel, aparece como um processo naturalizado. Por mais que o migrante aceite esse destino, ainda assim aparece muito claro que ninguém gosta de se mudar.<sup>1</sup> Também nos folhetos à migração associam-se aspectos como a pobreza e a miséria. O que de uma certa forma explica o mito do retorno, ou seja, de que a migração é sempre temporária, já que se coloca como perspectiva a volta à terra natal. O Nordeste aparece sempre como o lar para o qual todo viajante almeja voltar, o ponto de partida para onde se deve retornar.

Também nos cordéis produzidos na Amazônia, ou que sobre ela versam, a comparação entre a vida nas duas regiões faz com que o Nordeste, por contraste, apareça como uma terra dadivosa, para onde se quer voltar. Vejamos como os poetas nos contam as histórias desses migrantes nos seringais.

#### CANTADORES DAS VIAGENS PELA AMAZÔNIA

Em meio a tantas vozes dissonantes, falando ao mesmo tempo sobre a Amazônia, a migração de trabalhadores nordestinos para os seringais, e a vida nessas paragens florestais, poderíamos ser tomados pela ilusão de que, desses homens, não houvesse voz alguma, apenas o silêncio. Chegamos bem perto disso. Num primeiro momento, pensamos que apenas pudéssemos apreendê-los na voz dos outros. Felizmente, contudo, os migrantes aparecem, sim, com voz própria, para nos dizer como foram essas viagens, porque as viagens que fizeram foram múltiplas, às vezes não coincidentes com os propósitos das políticas públicas ao incentivar a migração. Não estamos, portanto, condenados ao silêncio, ou a escutar essa história na voz dos outros. O problema, muitas vezes, foi querer ouvir uma história única, quando o que temos é uma polissemia.

Temos em alguns folhetos de cordel a narração da história da migração nordestina para os seringais, dos principais problemas que os migrantes enfrentaram na floresta, dos sonhos de migração e da perda desses mesmos sonhos, ou seja, da desilusão.

Devemos a recolha de literatura de cordel na Amazônia a José Carvalho, Jorge Huley, Pompílio Jucá, que observaram a afluência de poetas populares para a Amazônia, e em especial para Belém. Ao desbravarem e povoarem muitos rios da Amazônia, em busca dos seringais, os migrantes tornaram possível a ampla circulação dos folhetos. Este foi um fenômeno observado também a partir do Nordeste, pois em 1903, com a publicação do *Cancioneiro do Norte*, por Rodrigues de Carvalho, "já encontramos registrada a motivação principal da busca da Amazônia pelos nordestinos em abundantes poesias. Surgem publicados, os primeiros documentos do ciclo dos seringais", conforme observa Salles (1985, p. 19-20).

Famosos poetas populares no Nordeste tiveram sua experiência na Amazônia e lá encontraram motivos para poetar e pelear. Silvino Pirauá, Firmino Teixeira do Amaral, Chagas Batista, João Melquíades Ferreira, Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, e tantos outros... A Amazônia já se tornara o rumo certo de muitos poetas, assim como de muitos outros nordestinos.

Francisco das Chagas Batista deixou pelo menos dois folhetos que falam da região: *A Amazônia e A questão do Acre*, este último narrando a epopéia acreana. O folheto *Descrição do Amazonas* tem co-autoria de seu irmão Antônio Batista Guedes. Firmino Teixeira do Amaral é, dos poetas que produziram na Amazônia, o mais conhecido.

Existia em Belém uma famosa editora de cordel, a Guajarina, de propriedade do pernambucano Francisco Rodrigues Lopes, que publicou dezenas de folhetos e esteve ativa até o final da década de quarenta. Os folhetos da Guajarina tiveram larga repercussão e consumo atestado pelas numerosas e sucessivas edições. A irradiação da editora era tal que seus folhetos podiam ser adquiridos em Manaus; Rio Branco e Xapuri (Acre); Santarém e Marabá (Pará); São Luís, Caxias, Amarante e Icatu (Maranhão); Teresina e Parnaíba (Piauí); Fortaleza e Juazeiro (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte) e Campina Grande (Paraíba), cidades "onde se localizaram seus agentes, responsáveis, por sua vez, pela irradiação nas proximidades, feita por vendedores ambulantes." (Salles, 1985, p. 151-152)

O fluxo de poetas e cantadores para a Amazônia tornou significativa a presença do Nordeste no folclore daquela região. Resultou, como não podia deixar de acontecer, na incorporação dos estilos e tendências da poesia sertaneja ao folclore amazônico.

Segundo Salles (1985), os poetas descrevem a Amazônia com grande objetividade, já que a conheceram de perto. Os motivos que levaram os poetas à Amazônia foram os mesmos dos demais migrantes, ou seja, as condições de vida nos sertões periodicamente assolados pelas secas e as perspectivas de reconstrução da vida pelo enriquecimento rápido.

Os cordéis que têm o seringal como tema não se diferenciam, no trato da questão social, daqueles que denunciam os maus padrões nordestinos ou a seca, pois na sua estrutura narrativa são em muitos aspectos semelhantes. Sobressai o caráter de lamento, mais ou menos impotente. Assim como nos cordéis onde o herói se

confronta com algum poderoso senhor de engenho, em *O Nero do Amazonas*, (cordel publicado em SUASSUNA, 1967), as contradições sociais ficam reduzidas a um conflito entre o bem e o mal, individualizando-se nos personagens em confronto, e resolve-se quase sempre mediante a coragem pessoal e a luta corporal, conforme salienta Menezes (1980). Essa semelhança encontra-se presente inclusive na descrição da natureza, onde a paisagem nordestina prevalece sobre a amazônica. Esta não é, no entanto, a regra geral. Ao contrário, como já afirmamos, os poetas descrevem com bastante realismo a natureza amazônica, mas gostam sobretudo de contrapor-la à natureza nordestina, como podemos observar no cordel *A despedida do seringueiro*, reproduzido por Carvalho (1928, p. 205-207). Enquanto o Nordeste aparece como uma boa terra, cheia de fartura, a Amazônia é descrita como uma "terra de lama". No entanto, o que torna a vida na Amazônia tão ruim, não é o desconhecimento, ou estranhamento, do mundo natural, mas as relações sociais que são totalmente permeadas, dominadas pelo dinheiro, ambigualmente o motivo pelo qual o poeta migrou. Por isso, na despedida ele prefere se retirar para o Nordeste, pois o sonho de conseguir dinheiro se transforma em pesadelo, e a Amazônia uma terra de misérias. Quanto mais trabalhava, mais devia ao barracão, pois tudo o que ganhava, tinha que gastar com comida ou com remédios:

Vou-me embora, vou-me embora  
Pra minha terra natal  
Diabo leve a seringa  
E o dono do seringa;  
Que na minha terra eu como  
Sem despende um real!

Lá plantava a mandioca,  
A melancia, o melão,  
Mondubim e macacheira,  
Por entre milho e o feijão,  
Remexia na patrona,  
Não me faltava um tostão.

Nesta terra de miséria,  
De riqueza apregoada,  
Que parece ser mentira  
De uma rude caçoada,  
Eu não quero mais viver,  
Vou tocando em retirada.

De carne velha inda levo  
A dormida dos veados,  
A comida dos jacus,  
A capoeira onde correm  
As ligeirinhas nambus.

Pra casa vinha cantando  
Minha chula, meu baião,  
Sem sofrer carapanãs  
Dependurados na mão;  
Comia mocó, preá,  
Sem dever ao barracão.

À porta minha Joana  
Vinha logo me encontrar,  
Dava-me um riso brejeiro,  
Ia o fogo renovar.

Minha barriga inflamada  
De gorda só levo as pernas,  
De uma moléstia malvada;  
Dinheiro ... nem um vintém  
Só levo conta e ... mais nada.

Vou-me embora, vou-me embora  
Prá minha terra natal;  
Levo uma conta de tudo,  
No bolso ... nem um real:  
Tudo foi-se em tratamento  
No barracão do hospital.

Vou-me embora, vou-me embora  
Vou plantar meus jerimuns,  
Embora que as chuvas faltem  
Sempre há os camapuns,  
Ao menos lá eu não soffro  
Estes malditos piuns.

Na minha terra eu já sei  
Onde moram os tatus,  
E nele punha a chaleira  
Para a água aquecer.

Quando rompia a manhã  
O leite eu ia tirar;  
Joana fazia o pão  
Para com ele almoçar,  
E depois ... quantos prazeres  
Entre nós pra desfrutar!

Adeus, oh! terra de lama!  
Vou plantar meus gerimuns.  
Dos veados ver a cama  
E o despertar dos anuns,  
Viver com a minha Joana,  
Sem o ferrão dos piuns.

Neste caso é o Nordeste que se torna novamente uma terra da fartura, ambigualmente garantida pela não necessidade do dinheiro a permear a vida cotidiana, em oposição à vida miserável nos seringais amazônicos, para onde se migrou pensando ganhar muito dinheiro.

Para o poeta, não se passaria fome no Nordeste, não fossem os períodos de seca. Outro aspecto bastante salientado pelo poeta, favorecendo o Nordeste na comparação, é a existência de uma vida familiar, afetiva, o que não existia no seringal. De uma certa forma, a presença da sua mulher Joana faz do Nordeste uma terra melhor, ou pelo menos mais suportável.<sup>2</sup>

Segundo Santos (1987, p. 19), "a analogia é o processo dominante de percepção da realidade, segundo o qual o poeta expressa sua visão de mundo." A presença do Nordeste nos cordéis sobre os seringais, no entanto, não pode ser pensada apenas como recurso narrativo utilizado pelo poeta para estabelecer comparações, pois se trata do oikos, o lugar para onde se deseja voltar. Desejo que, se concretizado, eliminaria uma condição tida como degradante: a de migrante.

O que é comum nos folhetos que descrevem a vida nos seringais é o caráter ilusório, enganoso, dos sonhos que motivaram a ida para a Amazônia. Os sonhos de riqueza, de se conseguir rápida fortuna, soçobram nas malhas do aviamento. Ao narrar em primeira pessoa, o poeta confere à sua história um cunho de veracidade, narrando uma experiência de vida, considerando uma felicidade ter sobrevivido para contar a história, como Firmino Teixeira do Amaral, em *O rigor do Amazonas*, reproduzido por Salles (1985, p. 118).

Vou manifestar ao público  
Um pouquinho da história  
Da vida do Amazonas  
O que gravei na memória  
Onde estive seis anos;  
Fui feliz contar vitória.  
Lá bebi gota de fel,  
Daquêle bem amargoso,  
Dei graças a Deus sahir,  
Me julgo bem venturoso;  
Hoje sei que o Amazonas  
É um sonho vil, enganoso!

Em um outro cordel, também de Firmino Teixeira do Amaral, *A vida dos seringueiros* (reproduzido em Terra, 1981), o caráter verídico, de experiência, é novamente ressaltado, bem como a ilusão de riqueza. Mais importante ainda, o poeta alerta aos leitores que, se da Amazônia alguém contar façanha, é porque por lá não esteve:

Neste livrinho descrevo  
a vida dos seringueiros  
na luta do Amazonas  
entre patrões carneiros  
aonde impera a ilusão  
e não se vê compaixão  
nem nos próprios companheiros

Amazonas é um filtro  
aonde reina a ilusão  
suplício da mocidade  
vereda da perdição  
céu dourado da riqueza  
força cruel da pobreza  
escada do turbilhão

Só conhece o Amazonas  
só quem lá já trabalhou  
porém quem conta façanha  
é porque lá não lutou  
e se lutou teve sorte  
não conversou com a morte  
e nem da sezaõ provou

O Amazonas é peito  
aonde o crime se cria  
recreio das ilusões  
teatro da fantasia  
degreço da mocidade  
capa da perversidade  
repouso da tirania

---

<sup>2</sup> É importante considerarmos os aspectos subjetivos, de descentramento, que a ausência de vida familiar e afetiva provoca nos migrantes. Enquanto que na poesia de cordel temos uma posição das emoções dessa ausência, forçada pelo sistema de aviamento, na literatura "erudita" aparece como uma anomia social, imputada ao migrante, como se a anomia fosse o resultado das ações do migrante.



A ilusão da riqueza amazônica, no entanto, já se desfazia com a crise da borracha, que afetava tanto os patrões quanto os seringueiros, e

Quem em onze não saíu

uma anomia social, imputada ao migrante, como se a anomia fosse o resultado das ações do migrante.

Hoje está prisioneiro.

Só que o poeta também deixa claro que fortes elementos dessa ilusão estão presentes no sistema de recrutamento dos trabalhadores no Ceará. O poeta percorre um trajeto clássico quando se trata de seringal, que se inicia no recrutamento e termina no paroara, ou seja, o Nordeste como ponto de partida e de retorno. O elo que fecha esse círculo é naturalmente o paroara, que tem a força para manter a ilusão da riqueza amazônica. Não fosse a possibilidade de se tornar um dia um paroara, ninguém migraria...

No entanto, no momento em que escreve, Firmínio Teixeira do Amaral já deixa perceber as fissuras que abalam essa imagem, e que se centra na figura do patrão. A imagem da riqueza amazônica passa a ser um elemento importantíssimo no discurso do patrão-arregimentador, como um atributo de sua honestidade e correção:

Os tais patrões quando baixam  
em busca do pessoal  
fazem do Amazonas  
paraíso terrestre  
dizem prometendo ouro  
minha casa é um tesouro  
é um céu meu seringal

Mas o migrante não deve se fiar nessas histórias de riquezas e de patrões honestos que lhe contam, pois

Os patrões dizem assim  
quando é para laçá-los  
oferecem mil vantagens  
até a bordo botá-los  
se prestam dignamente  
para depois cruelmente  
no cativoiro jogá-los

Os pobres que não conhecem  
a vida do seringal  
e ouvem dizer que lá tem  
riqueza descomunal  
correm tras da riqueza  
mas só encontram pobreza  
na luta triste infernal

Aqui a analogia se faz presente, e bastante forte, como recurso narrativo, pois o poeta no folheto *O rigor do Amazonas* se dedica a comparar os bons e maus patrões:

A lucta do Amazonas  
Para quem tem saldo ou não,  
Não há quem seja feliz  
Tendo um patrão ladrão

Que com uma bala de rifle  
Paga o saldo do christão.  
(...)  
Quando o seringueiro encontra

Por exemplo um bom patrão  
Está com a vida ganha  
E o thesouro na mão;

Só não fará a fortuna  
Se perseguir-lhe a sezão

Mas não é a existência de bons ou maus patrões que garante, por si só, a boa sorte dos seringueiros em conseguir saldo. O poeta passa a descrever todos os mecanismos que aprisionam o migrante nos seringais, iniciando com a própria viagem, que é apresentada como uma antevisão do pesadelo que o espera. Tudo o que era

apresentado como *mel*, se transforma em *taça de fel*, a começar pela comida que é oferecida nos gaiolas e se concretizando em uma ferrenha vigia para que o trabalhador não fuja do barco. Chegando ao seringal, momento em que é aviado e que percebe a quanto se avulta sua dívida, dá-se a consciência do engano, o arrependimento:

Quando o patrão tira a conta  
o pobre fica assombrado  
sente-se arrependido  
em pra lá ter embarcado  
diz assim consigo só  
se meu Deus não tiver dó  
sei que estou desgraçado.

E aqui as imagens do seringal não se diferenciam muito daquelas que aparecem nos romances escritos pela elite intelectual. O seringal é para o migrante um desterro, cujo único consolo *no negror da solidão são as prosas dos camaradas*. O processo de trabalho no seringal é uma labuta insana, para no final constatar que trabalhou para o patrão.

Vivem os pobres sucumbidos  
neste miserável estado  
lutando sem perder tempo  
para depois ser roubado  
nas privações que se acha  
faz mil quilos de borracha  
e ainda fica enrascado  
(...)

Se for fraco de espírito  
não cansa em se maldizer  
chora a finda liberdade  
trata de esmorecer  
antes de na luta entrar  
já chora para voltar  
mas lamenta em não poder

Mesmo que, ao final de alguns anos, consiga saído, é enganado pelo patrão que lhe dá uma ordem de pagamento que não é respeitada pelo aviador em Manaus ou Belém, ou então é roubado no navio *por grupos de jogadores e gatunos chapados*. Para aquele que consegue vencer todas as artimanhas, e sair vivo dos seringais:

Quem de lá volta com vida  
E quatro contos na mala,  
Escapou do beriberi  
Da emboscada, da bala,  
Pode crer que todo dia  
Com Deus e os anjos fala.

Quem volta do Amazonas  
Com dinheiro e com saúde,  
É tão feliz quanto Lazaro

O que faz, no fim do ano  
não dá pra pagar a conta  
em cima do miserável  
o desengano se monta  
a desventura lhe arrasta  
a liberdade lhe afasta  
o cativo lhe afronta

Nos cordéis que arrolamos, podemos divisar uma estrutura que engloba todo o processo. Em primeiro lugar, o sertão nordestino é descrito como o Paraíso. Para o pequeno produtor, é terra de muita fartura, que sem muito trabalho produz o essencial para a vida, conduzindo o homem à felicidade. A queda do Paraíso resulta da seca e temos como consequência a expulsão (migração). Por último, é a vida no seringal descrita como um eterno penar, resultado da queda do Paraíso, que leva mais uma vez à imagem do inferno.

Mas nem sempre. Em alguns cordéis aparece a imagem da revolta contra a espoliação típica do sistema de aviação. Esses folhetos nos mostram que a história oficial tem passado ao largo da vida desses homens. O que temos no cordel é uma história de sobrevivência cotidiana, a história vivida, enquanto a história oficial aparece como mais uma ficção. O poeta escreve para quebrar o silêncio que se impõe sobre as histórias dos desvalidos.

Nos cordéis que tratam dos grandes personagens da História do Brasil, segundo Santos (1987, p. 11), percebe-se um componente de predestinação, que nada mais é do que influência da concepção judaico-cristã da

história, onde a "promessa" desloca a perspectiva histórica do presente para o futuro e inclui, necessariamente, o trajeto da provação, da dor e do sofrimento, a fim de se atingir a realização histórica plena, ou seja, a redenção. Uma história messiânica. Que em última instância pouco se diferencia dos feitos que os heróis devem cumprir para realizar o seu destino. O cordel da Amazônia contou as histórias de algumas lutas desses homens anônimos, tratados como heróis que vinham fazer com que a promessa de libertação se realizasse.

Segundo Vicente Salles (1985, p. 123), na década de 20 acentuaram-se os estados de tensão social na Amazônia, tanto nas colônias, quanto nos seringais, e um certo "espírito revolucionário" percorreu a planície, "ao mesmo tempo que o país, como um todo, exigia mudança e atualização de sua política social e econômica." Essa tensão foi expressa em algumas rebeliões que criticavam o sistema de aviação, e que foram narradas em cordel. Um desses folhetos, sem autoria identificada, e que intitula *O caso do Jary. História completa*, publicado pela Editora Guajarina, em Belém do Pará, trata de um acontecimento histórico preciso, a revolta de Arumanduba, no rio Jari, nos seringais do senador José Júlio de Andrade, capitaneada pelo seringueiro Cesário de Medeiros.

É curioso que neste folheto o poeta logo avisa que a história que vai contar, soube através das notícias do jornal. Revela, de antemão, um estado de agitação que teria percorrido Belém quando se soube que os seringais do senador José Júlio teriam sido tomados por cangaceiros. Talvez este seja um aspecto que nos permita entender porque o poeta resolveu fazer um folheto sobre um assunto já por todos conhecido, pois observamos que não se sente ameaçado em ceder primazia ao jornal na difusão das notícias. Dois pontos são importantes: primeiramente, esclarecer que não se tratava de um bando de cangaceiros, mas dos próprios trabalhadores do senador que se rebelavam contra a tirania dos prepostos e dos mandantes; e depois o fato de que o povo leitor sempre espera pelo poeta, aguarda sua chancela e detalhes que não encontra nas notícias do jornal.

O motivo da revolta, que levou o amazonense José Cesário Medeiros a reunir em torno de si mais de setecentos trabalhadores dos seringais do Jari, principalmente migrantes do Nordeste, foram as péssimas condições de vida e o sistema de escravidão posto em prática pelos prepostos do senador na região de seu domínio.

Dinheiro nunca pegaram  
e saldo nunca tiveram,  
pelo menos aos jornais  
foi o que todos disseram,  
e acabar com tal regimen.  
um dia se despuzeram.

Os trabalhadores revoltados conseguem um gaiola e descem o rio para Belém. Lá chegando encontram a polícia de prontidão, mas Cesário entrega todo o armamento e conta às autoridades que a única coisa que queriam era sair do seringal:

Todos louvam a Cesario  
por ser moço destemido,  
pois se nunca fosse elle  
estava tudo perdido,  
pois não se faz actos desses  
sem um chefe decidido  
Realmente esse Cesario  
foi um heroi arrojado  
pois não quis que no caminho  
ninguem fosse saqueado,  
apenas queria ver-se  
do seringal libertado.

Que coberto de virtude  
Ergueu-se em nome de Deus  
Já morto no ataúde.

Já luctei e tive sorte  
Em sair de tal cadeia,  
Porque lá vi se matar  
Gente no rigor da peia!  
Fui tão feliz quanto Jonas  
No ventre duma baleia.

Aqui é importante ressaltar a figura do herói popular na literatura de cordel, cujo significado pode ser entendido “na medida em que o seu destino tenha tido uma finalidade social e um objetivo coletivo”, conforme afirmou Peloso (1996, p. 105). Pouca diferença faz se o herói é Carlos Magno, Oliveiros, Lampião ou Cesário, pois todos sinalizam para um substrato mais profundo, qual seja, a revolta. “Histórias e lendas revivem, assim reformuladas, num quadro de novos valores em que epopéias de fundo histórico passam a representar, mudado o contexto, ânsia, necessidade e desejo de revolta de uma condição social muitas vezes dramática.” (Peloso, 1996, p. 106)

Cantar as revoltas, portanto, está na tradição do cordel. É instigante quando pensamos que o cordel é a sublimação do que efetivamente não se tem condições de fazer: derrotar os poderosos e acabar com as injustiças do mundo. Ao herói e campeão popular confia-se um “desejo de desforra que tem raízes profundas, obliteradas pelos séculos, mas sempre prontas a reflorescer com suas antigas e obscuras razões de revolta.” (Peloso, 1996, p. 175) No entanto, para além de uma sublimação imediata, há um outro aspecto a ser considerado a respeito da expressão artística popular, qual seja, o de fazer da lenda, “um momento de reflexão mais geral sobre as razões mesmas do seu viver, uma exigência de esclarecimento da experiência histórica e social que está na sua origem e, por isso mesmo nas suas motivações profundas” (Peloso, 1996, p. 123).

Mas o cordel que tratou da revolta de Arumanduba também buscou dar voz aos companheiros de infortúnio que seguiram o herói. Ao poeta, era primordial enfatizar que todos foram movidos pelo sentimento de injustiça, e que todos tinham uma história de desmando para contar.

Ainda muitos contaram  
scenas horríveis, cruéis,  
de homens que eram surrados  
da cabeça até os pés  
vivendo todos captivos  
como os presos nas galés.  
(...)  
Histórias horripilantes  
os desertados contaram  
factos cruéis e tyrannos,  
que no Jary se passaram,  
de crimes muito horrorosos  
que nunca se divulgaram.

O poeta trata então de contar aos seus leitores como era o “regime de ferro e fogo” que imperava nas terras do senador. Raros aqueles que trabalhavam e conseguiam saldo; ao contrário, todos viam-se submetidos a um regime de desmando que punia as menores faltas e pouco valor dava a uma vida, sendo comum o assassinato daqueles que conseguiam saldo.

Nunca se viu no Brasil  
tão feroz perversidade,  
andarem milhões de homens  
debaixo da crueldade  
e por qualquer ninharia  
levando relho à vontade.

Espera o poeta que a justiça seja feita, pois estão as autoridades colhendo depoimentos dos trabalhadores fugidos, ao mesmo tempo em que apela para o sentimento de caridade de todos seus leitores para que ajudem na campanha em prol dos desertados. E termina:

Esperemos, pois, agora  
o que a Justiça dirá  
sobre esses factos tão tristes  
passados neste Pará

onde um rico seringueiros  
faz pior do que um Pachá  
Depois então voltaremos  
para uns versos publicar  
dando todo julgamento  
que ao processo se vae dar  
e pedimos que os leitores  
não se esqueçam de os comprar.

O que é essencial a se preservar da literatura de cordel, para o entendimento da migração para a Amazônia, é que o imaginário e o simbólico também são aí constitutivos do real, por isso pode o poeta povoar com os temas tradicionais do cordel o cotidiano. Se as narrativas de luta que emergem estão profundamente arraigadas nessa tradição, poderíamos dizer que exercem o mesmo fascínio que um folheto que verse sobre Lampião ou Carlos Magno...

Pois os poetas se deslocam entre as histórias de tradição oral, erigidas em modelo histórico, e a crônica do cotidiano opressivo contra o qual se insurgem, utilizando como modelo narrativo a tradição idealizada. "Os poemas considerados formam grande texto por onde perpassam desejo de justiça e provas de valentia, num universo em que valores como honra e lealdade tem como pressuposto o senso de liberdade" (Terra, 1983, p. 141).

#### BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Firmino Teixeira do. A vida dos seringueiros. in: TERRA, Ruth Brito Lêmos. *A literatura de folhetos nos fundos Villa Lobos*. São Paulo, IEB/ USP, 1981.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. in: *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 57-58, 63.
- CARVALHO, José Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*. Parahyba do Norte, Typ. Da Livraria São Paulo, 1928, p. 205-207.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores. Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.
- CURRAN, Mark J. A sátira e a crítica social na literatura de cordel. In: *Literatura Popular em Versos. Estudos*. Rio de Janeiro, MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1973
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e Cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- Leandro Gomes de Barros. A seca do Ceará. *Literatura Popular em verso. Antologia*. Rio de Janeiro/ Campina Grande; Fundação Casa de Rui Barbosa/ Fundação Universidade Regional do Nordeste, 1976, Tomo II. p. 270-276.
- LIMA, Francisco Assis de. *Canto popular e comunidade narrativa*. Rio de Janeiro, Funarte/ Instituto Nacional do Folclore, 1985, p. 73.
- LONDRES, Maria José de. Cordel. *Do encantamento às histórias de luta*. São Paulo, Duas Cidades, 1973.
- LUYTEN, Joseph M. Migrações no Brasil. Estórias de retirantes. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 6, n. 2, p. 233-268, 1990.
- LUYTEN, Joseph M. O que é literatura popular. São Paulo, Brasiliense, 1983
- MENEZES, Eduardo B. de. Estrutura agrária: protesto e alternativas na poesia popular do Nordeste. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. XI, n. 1-2, p. 29-61, 1980.
- PELOSO, S. *O canto e a memória. Histórias e utopia no imaginário popular brasileiro*. São Paulo, Ática, 1996, p. 105
- RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. São Paulo, Record, 1980.
- SALLES, Vicente. *Repente e Cordel*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Folclore, 1985, p. 19-20.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A queda do Angelus Novus*. Para além da equação moderna entre raízes e opções. Novos Estudos CEBRAP, n. 47, p. 103-124, março de 1997.
- SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta história. in: *O Cordel. Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987, p. 19.

SILVA, José Bernardo da. Os horrores do Nordeste. Juazeiro do Norte, Ceará, 2 de agosto de 1942, in: Literatura Popular em verso. Antologia. Rio de Janeiro, MEC/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, Tomo I. p. 242.

SLATER, Candace. A vida no barbante. A literatura de cordel no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.

SUASSUNA, Ariano. Coletânea da poesia popular nordestina. Deca. Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística. Recife, v. VI, n. 7, p. 85-92, 1967.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. Memória de Lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo, Global, 1983, p. 30-31.